

Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

SER PARTE E TOMAR PARTE

Ravena Olinda Teixeira

Doutoranda, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

ravenaolinda@usp.br

RESUMO: O texto inicia seu trajeto no prefácio do *Tratado Teológico Político*, passa rapidamente pelos conceitos de liberdade e de felicidade da Ética, cita *Que é a literatura?* de Jean Paul Sartre para dizer que escrever e falar são maneiras de se engajar [tomar parte] no mundo. E, finalmente, homenageia a professora Marilena Chaui, uma intelectual engajada.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade, Felicidade, Engajamento.

Ao encerrar o prefácio do *Tratado Teológico Político*, no penúltimo parágrafo, Espinosa expressa seu desejo de ser ignorado pelo vulgo. O filósofo explica que prefere ser esquecido a ser molestado e interpretado de maneira perversa, pois ele não acredita que os homens dominados pela superstição possam ser capazes de superar seus preconceitos para compreender o sentido de sua obra. No entanto, ele convida aqueles que são livres para filosofar e dedica essa obra ao leitor-filósofo.

Esse prefácio faz ecoar uma pergunta em nossas cabeças: quem são esses homens [*e mulheres*] livres? Já sabemos que os homens não nascem livres, porque de acordo com Espinosa todos os homens nascem submetidos aos afetos e à fortuna. No prefácio da quarta parte da *Ética* lemos que os homens nascem impotentes para moderar e coibir seus afetos e que são muitas vezes escravizados por eles. Isto é, arrastados pela força das paixões (tristes ou alegres), são levados a escolher o pior para si ao invés do melhor e flutuam como ondas do mar, ignorantes do seu destino e das causas de seus afetos. Os supersticiosos, aqueles que não são convidados a ler o *TTP*, são homens que vivem escravizados pelo medo.

No entanto, na quinta parte da *Ética* nosso filósofo escreve que existe um caminho para ser livre. Esse caminho, de maneira mais simples e resumida, trata-se de conhecer e de compreender a causa de nossas paixões. É um esforço para compreender cada vez mais e padecer cada vez menos. Essa liberdade é possível, porque, segundo Espinosa, todos os homens tem o poder parcial de compreender a si mesmo e de compreender seus afetos “e, por conseguinte, de fazer com que os padeça

menos.” (ESPINOSA, 2015, EV P4S, p. 529). Portanto, o homem não nasce livre, torna-se.

Espinosa descreve as características que definem um homem livre nas últimas proposições da quarta parte da *Ética*, um homem livre é aquele que não teme e nem pensa na morte: “Não há nenhuma coisa em que o homem livre pense menos do que na morte e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida.” (P67, sabemos que ele é corajoso P69, que é grato P71, que não age de má-fé para com os outros P72 e que ele é ainda mais livre em sociedade P73). Justamente por isso, ele busca por natureza conviver com outros homens que sejam tão livres quanto ele.

Em resumo, a filosofia espinosana diz que o homem livre é aquele que vive tanto quanto for possível sob os ditames da razão, não sob o acaso das paixões. A liberdade trata-se, portanto, de uma potência da mente para compreender e moderar os afetos. É da própria essência da mente se esforçar por compreender todas as coisas, por isso todos os homens podem conquistar a liberdade, basta que eles se esforcem para compreender que a liberdade humana não é a ausência de determinação. A liberdade humana é o conhecimento das inúmeras coisas que determinam os homens a quererem isso ou aquilo. Ou seja, é o reconhecimento de si mesmo como mais uma entre as infinitas partes da natureza.

SER FELIZ

O primeiro parágrafo do *Tratado da Emenda do Intelecto* demonstra que Espinosa estava em busca da felicidade. “Resolvi, enfim, indagar se existia algo que fosse o bem verdadeiro e capaz de comunicar-se, e pelo

qual unicamente, rejeitado tudo o mais, o ânimo fosse afetado; mais ainda, se existia algo que, achado e adquirido, me desse para sempre o gozo de uma alegria contínua e suprema.” Segundo Espinosa, a liberdade e a felicidade são resultados de uma espécie de reforma no entendimento. Essa reforma é o que torna possível que o homem possa compreender todas as coisas de forma adequada. São, portanto, (liberdade e felicidade) frutos do conhecimento. Por isso, ele afirma: “Na vida, portanto, é útil acima de tudo aperfeiçoar o intelecto ou a razão o quanto pudermos, e somente nisso consiste a suma felicidade do homem ou a beatitude [...]” (ESPINOSA, 2015, EIV, CAP. 4, p. 495).

Na quinta parte da *Ética*, o filósofo demonstra o caminho que conduz o homem tanto à liberdade quanto à felicidade e esse caminho conduz seu leitor ao amor intelectual de Deus: “A partir disso entendemos claramente em que coisa consiste nossa salvação ou felicidade ou liberdade: no Amor constante e eterno a Deus, ou seja, no Amor de Deus.” (ESPINOSA, 2015, EV P36 C, p. 569). No escólio da proposição 13 da terceira parte da *Ética*, o filósofo define o amor como uma alegria acompanhada da ideia da causa externa. A felicidade, com efeito, é o amor para com uma coisa eterna, ela é uma alegria mais potente e imutável ou “um gozo de uma alegria contínua e suprema”. Uma vez que a causa dessa alegria é Deus.

Um homem feliz é aquele que vive o máximo de alegrias possíveis e que experimenta a maior alegria de todas: o amor intelectual de Deus. Espinosa nos diz que aquele que alcança esse modo de viver, necessariamente, se esforçará para fazer com que o máximo de homens ao seu redor compartilhem com ele tanto da liberdade quanto da felicidade. Espinosa diz: “Este Amor a Deus é o sumo bem que podemos apetecer [...] e desejamos que todos gozem dele (ESPINOSA, 2015, EV P20 D, p.

547). Isso ocorre porque de acordo com o capítulo 9 da quarta parte da *Ética* não há nada mais útil ao homem livre do que outro homem livre. Dessa maneira, para Espinosa, o sábio (aquele que alcançou a liberdade e a felicidade) é um homem que se esforça por fazer com que cada vez mais pessoas possam seguir pelo mesmo caminho e chegar ao amor intelectual de Deus. Ou seja, a liberdade e a felicidade fazem do homem um ser engajado. Por isso, com o objetivo de defender a liberdade, o filósofo escreve e publica o *Tratado Teológico Político*.

TOMAR PARTE

Jean Paul Sartre em sua obra *Que é a literatura?* diz que embora o leitor tenha sempre a liberdade de dar significado ao texto e que de certa forma o texto pertença mais a ele (leitor) do que ao autor, não existe obra nenhuma que seja isenta de significação, de certo reflexo do autor que a cria. Ele explica que o pintor, por exemplo, tem motivos, ainda que ocultos, para usar o verde, o amarelo ou o vermelho. Um quadro é produto do autor que o cria, mas também daquele que o observa. Desse modo, toda criação só se realiza no outro: “a obra só existe quando a vemos.” (SARTRE, 2015, p.45). Na literatura se estabelece um “pacto de generosidade entre o autor e o leitor; cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo.” (SARTRE, 2015, p. 51). Assim como na pintura, na escultura e na música, Sartre também reconhece uma ligação dialética entre o escritor e o leitor: “Estabelece-se então um vaivém dialético; quando leio então, desde que minhas exigências sejam satisfeitas, incita-me a exigir mais do autor, o que significa: exigir do autor que ela exija mais de mim mesmo” (SARTRE, 2015, p. 51). Sartre conclui que a literatura é sobretudo um exer-

cício mútuo de liberdade. O autor e o leitor são livres no momento que reconhecem a liberdade um do outro e compartilham do mesmo texto, da mesma obra. Por isso, as palavras são como pistoladas carregadas que o autor precisa apontar para algum alvo. Com efeito, ele considera que escrever é agir, pois a cada palavra que dizemos ou escrevemos nós nos engajamos mais no mundo.

Marilena de Souza Chaui é uma intelectual que não se limita apenas a escrever sobre a história da filosofia, mas usa a história da filosofia para intervir criticamente no espaço público. É sobre essa Marilena militante e destemida que eu gostaria de falar. Sobre essa Marilena que como todos nós sabemos tem dedicado uma vida inteira e todo seu trabalho intelectual para defender os direitos democráticos que são fundamentais para a liberdade e para a felicidade individual e coletiva. Essa Marilena que não hesita em desmascarar publicamente os diversos golpes que sofremos dia após dia. Que chama publicamente em suas inúmeras falas a tal “ponte para o futuro” de “pinguela para o passado” e que nos faz abrir os olhos para perceber o risco que corremos se ficarmos de braços cruzados diante da ignorância, dos preconceitos, da violência e do ódio que estão entranhados na sociedade brasileira e que monstruosamente cada vez mais ameaçam a liberdade de todos nós.

É sobre essa Marilena que participou do movimento de Maio de 1968, que fundou nos anos 80 o Partido dos Trabalhadores e que além de ser um exemplo na vida acadêmica com essa produção ininterrupta de textos que mais parece a substância se auto-reproduzindo em infinitos modos, não se esquivava de SER PARTE E DE TOMAR PARTE da vida política. Mesmo sem ter muito o que dizer, pois não tenho assim como a maioria dos presentes nesse evento mais de 20 anos de convivência com ela, eu não poderia deixar de dizer o quanto eu admiro a professora Marilena,

sobretudo, por essa coerência entre o que ela estuda (Espinosa) e o que ela defende (a liberdade).

E que Marilena Chaui é certamente uma das pessoas a quem Espinosa convidou para se debruçar sobre o seu *Tratado Teológico Político*, pois sabe que a liberdade e a felicidade segundo Espinosa só é alcançada quando “o sábio se conhece como parte e na qual sabe que toma parte” (CHAUI, 2016, p.604).

BE A PART AND TAKE PART

ABSTRACT: The paper begins its course in the preface to the *Theologico-Political Treatise*, passes quickly through the concepts of freedom and happiness of *Ethics*, quotes *What is literature?* by Jean Paul Sartre to say that writing and speaking are ways of engaging [taking part] in the world. And, finally, he honors the teacher Marilena Chaui, an intellectual engaged.

KEYWORDS: freedom, happiness, engagement.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, M. (2016). *A Nervura do Real*, v2. São Paulo: Companhia das Letras.

ESPINOSA, B. (2015). *Ética*. São Paulo: Edusp.

_____. (2015). *Tratado da Emenda do Intelecto*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

_____. (2004). *Tratado Teológico-Político*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

SARTRE, J. P. (2015). *Que é a literatura?* Petrópolis: Vozes.